PLACAR

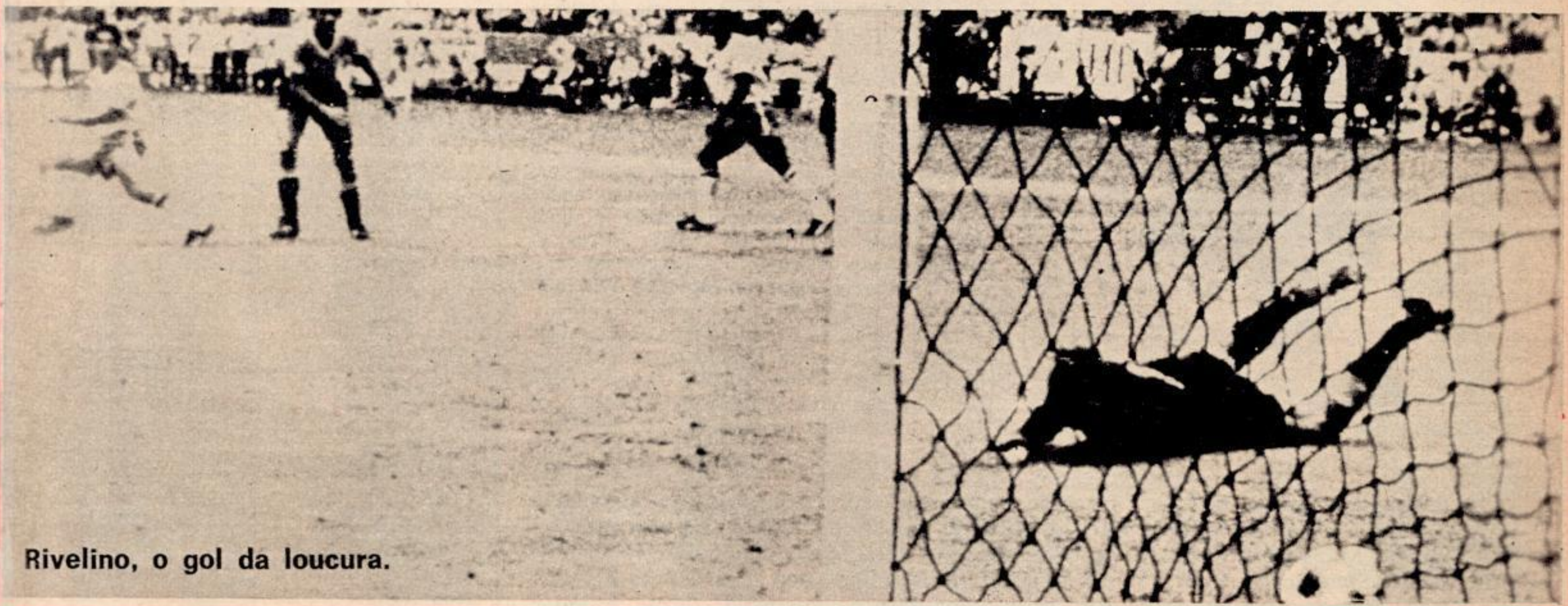
EXTRA

REVISTA ESPORTIVA SEMANAL DA EDITÔRA ABRIL • NÚMERO 14-A • 19/JUNHO/1970

Cr$ 1,00

MÉXICO, 17 DE JUNHO: BRASIL LIQUIDA O URUGUAI

VINGANÇA!

Clodoaldo, o gol da esperança.

Rivelino, o gol da loucura.

DOCUMENTO: AS FOTOS DA DERROTA DE 1950

COMO GANHAREMOS DA ITÁLIA NA FINAL

AIMORÉ MOREIRA

Nesta Copa a Seleção Italiana tem uma característica tôda especial: é a única que joga diferente de tôdas as demais. Em têrmos numéricos, poderíamos exprimir o sistema italiano no 1-4-3-2, com um líbero, uma linha de quatro zagueiros à frente dêle (todos marcando homem a homem), três homens um pouco à frente e apenas dois homens no ataque.

Mesmo quando os italianos atacam, o líbero permanece na sobra, para impedir lançamentos longos e estar sempre pronto a disputar as bolas altas que sejam lançadas na área. À sua frente ficam Burgnich, Bertini, Rosato e Facchetti, que acompanham o adversário que devem marcar em qualquer parte do seu campo de defesa. A principal função dêles é não deixar o adversário jogar; só saem jogando se não houver um adversário por perto.

Os três homens de meio-campo adiantam-se ou se atrasam na dependência de como o adversário distribui no terreno seus apoiadores e atacantes. Mas geralmente estão sempre entre a própria intermediária e a linha central.

Rivera, um reserva perigoso.

Êles jogam com o sentido de armar o ataque e apoiá-lo. Domenghini, ou quem jogar em seu lugar — êle está contundido —, aparece como ponta-direita mas tem funções de apoiador: pega a bola e a entrega a Boninsegna, que imediatamente procura abrir espaço para a entrada de De Sisti (também armador) ou do próprio Domenghini. Se a jogada é armada pelo lado esquerdo, com Mazzola, repete-se tôda a manobra, para a entrada ainda de De Sisti e Domenghini. Quando Rivera entra no lugar de Mazzola, a Itália se torna mais agressiva. Os homens que entram procuram chutar das imediações da grande área, mas a Itália vive mesmo é da habilidade de Riva, um goleador.

Riva não tem posição fixa. Embora jogue com a camisa 11, o lugar onde menos é visto é na ponta esquerda. Chuta com violência com os dois pés, tem um toque de bola rápido, dribla bem e está sempre preocupado com o gol.

Diante da Itália não basta colocarmos o time em campo para jogar como contra qualquer outro time. O importante para vencê-la é uma perfeita movimentação dentro do terreno, explorando a marcação rígida que ela faz de homem a homem. O melhor é procurar o movimento bem próximo da área italiana. O brasileiro é hábil, em cinco ou seis tentativas que fizer contra seu marcador direto ganhará duas ou três.

O sistema ideal para o Brasil seria um 3-3-4, com nossos três zagueiros vigiando de perto os dois atacantes. Os três homens de meio-campo marcariam os três apoiadores italianos; nossos quatro atacantes tentariam jogadas individuais, com os extremas bem abertos. Jairzinho e Edu seriam ideais para as pontas e deveriam cruzar para a área bolas baixas e violentas, justamente para aproveitar a aglomeração que os italianos fazem à porta do gol, o que pode terminar em sobra de bola e até gol contra.

Outra maneira de atacarmos seria avançar um dos nossos atacantes em cima do líbero, que imediatamente seria acompanhado por seu marcador direto: êles nunca deixam o líbero só com um adversário. Na brecha entraria um dos nossos apoiadores, Clodoaldo ou Gérson. O importante é que seja um apoiador e nunca um atacante a entrar no espaço aberto: os pontas jamais devem tentar jogar nesse espaço, pois seriam acompanhados por seus marcadores.

Tal esquema já foi usado com sucesso pela nossa Seleção contra a Polônia — que também jogava no sistema italiano —, quando usei Jairzinho para abrir o espaço, aproveitado por Tostão, que vinha de trás.

Esta edição extra de Placar foi feita pelos enviados especiais ao México (Woile Guimarães, editor; Aimoré Moreira, consultor técnico; Hedyl Valle Júnior, Michel Laurence, Fernando Sandoval e José Maria de Aquino, repórteres; Sebastião Marinho e Lemyr Martins, fotógrafos); por Fausto Neto e Teixeira Heizer, da Sucursal do Rio; e Departamento de Pesquisa. Fotos: Jornal dos Sports, Última Hora, O Globo, do Rio, e Diários Associados de São Paulo.

EDITÔRA ABRIL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores:
Edgard de Silvio Faria
Gordiano Rossi
Richard Civita
Roberto Civita

Diretor Editorial: Luís Carta
Diretor Comercial:
Haroldo Bariani
Conselho Editorial: Edgard de Silvio Faria, Hernani Donato, Luís Carta, Mino Carta, Odylo Costa, filho, Roberto Civita, Victor Civita

PLACAR

REDAÇÃO

Diretor: Cláudio de Souza
Editôres: Maurício Azêdo e Woile Guimarães
Redatores e repórteres: Dante Mattiussi, Hedyl Valle Júnior, José Maria de Aquino, Marco Aurélio Guimarães, Michel Laurence, Narciso James, Ramón Garcia y Garcia
Arte: Haroldo Jereissati
Fotógrafos: Lemyr Martins, Sebastião Marinho
Colaboradores: Aimoré Moreira (consultor técnico), Henfil, Otávio, Djalma Nery Ferreira Filho, Ademir Ferreira, Manoel Motta, Chico Nelson, Paulo Mattiussi, Georges Bourdoukan, Jean-Michel Gauvin, Paulo Godoy Moreira, Pio Pinheiro

Escritórios Regionais

Rio: Aristélio Andrade, Domingos Meireles, José Martinez, José Fausto Neto, Teixeira Heizer (repórteres), Adhemar Veneziano, Antônio Andrade, Darcy Trigo, Fernando Pimentel, Pedro Henrique, Sandra Fanzeres (fotógrafos)
Brasília: Pompeu de Souza (diretor), Luís Gutemberg (chefe de redação), Evandro Paranaguá, J. Carlos Bardawil (repórteres)
Recife: Renan S. Miranda (chefe de redação), Franklin Campos, José Saffioti Filho, Paulo Sotero (repórteres), Clodomir Bezerra (fotógrafo)
Belo Horizonte: Alberico Souza Cruz (chefe), Geraldo Augusto dos Reis (repórter), Artur Ferreira, Célio Apolinário (colaboradores)
Curitiba: Carlos Roberto Maranhão, Sérgio Sade, Flávio Ogassawara (colaboradores)
Pôrto Alegre: Paulo Totti (chefe), Gilberto Pauletti (repórter), Assis Hoffmann (fotógrafo), Divino Fonseca (colaborador)
Salvador: Carlos Libório (colaborador)
Nova York: Luís Garcia
Correspondentes: Alessandro Porro (Paris), Oriel Pereira do Valle (Londres), Ezio Vitale (Roma), Hiroto Yoshioka (Tóquio)

Serviços Editoriais

Diretor: Roger Karman
Documentação: Antônio Zago, Carmen Craidy, Celso Ming, Dilico Covizzi, Irede A. Cardoso, João Guizzo, José Carlos Kfouri, Luna Alkalay, Maria Regina Viana, Ubirajara Forte
Serviços Fotográficos:
Francisco Albuquerque (gerente), Jussi Lehto (supervisor), Jorge Butsuem, Regnier de Oliveira, João Batista Perilo (fotógrafos)
Cartografia: Francisco Beltran (gerente)
Abril Press: Samuel Dirceu (gerente)

Departamento Comercial

Diretor: Cláudio de Souza
Representante, São Paulo: Cleuri de Freitas
Representante, Rio: Francisco Paula Freitas
Gerente de Publicidade, Pôrto Alegre: Rubens Molino, Elcenho Engel (representante)
Representante, Belo Horizonte: Sérgio D. Pôrto
Representante, Curitiba: Édison Helm
Representante, Recife: Antônio Lyra Filho

Diretor de Relações Públicas: Hernani Donato
Diretor, Rio: André Raccah
Diretor de Publicidade: Salviano Nogueira
Diretor de Publicidade, Rio: Sebastião Martins
Diretor de Publicidade Internacional: L. Bilyk
Diretor de Produção: Arno Langer
Diretor de Projetos Editoriais: Paulo Patarra
Assessor do Dir. Responsável: A. Daunt Coelho

Diretor Responsável: Edgard de Silvio Faria

PLACAR é publicada pela Editôra Abril Ltda. / Redação: Av. Otaviano Alves de Lima, 800, tels.: 266-0011 e 266-0022 / Publicidade e Correspondência: R. João Adolfo, 118, 9.º andar, tel.: 239-1422 / **Administração:** R. Emílio Goeldi, 575, tel.: 65-3241, caixa postal 2372, telex 021-553, São Paulo / Telex em Nova York: Edabril 423-063 / **Escritórios: Rio de Janeiro:** Rua do Passeio, 6.º andar, tel.: 222-4343, caixa postal 2372 / **Brasília:** Edifício Central, salas 1201/8, 1301/7, Setor Comercial Sul, tels.: 43-4800, 43-4823 e 43-4890, telex 041-254, telegramas: Vejabril / **Belo Horizonte:** R. Espírito Santo, 466, conjs. 707/8, Edifício Hércules, tel.: 22-3720, telex 037-224, telegramas: Vejabril / **Pôrto Alegre:** Av. Otávio Rocha, 115, salas 507/11, tels.: 24-4778 e 24-4825, telegramas: Interfalo / **Curitiba:** Largo Frederico Faria de Oliveira, Edifício Tijucas, conjs. 1516/17, tels.: 4-6509 e 4-9624, telegramas: Curitabril / **Recife:** Rua da Concórdia, 153, conjs. 502/3, tel.: 4-4957, telegramas: Vejabril / Distribuição exclusiva no país da Distribuidora Abril Ltda., São Paulo / Preço do exemplar avulso: o constante na capa. Preço da assinatura: o mesmo do exemplar avulso, mais o frete registrado de superfície ou aéreo, multiplicado pelo número de edições do período desejado (máximo de um ano; mínimo de seis meses) / Ninguém está credenciado a angariar assinaturas: se fôr procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais / Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Abril de sua cidade. Em São Paulo: R. Brigadeiro Tobias, 773; no Rio de Janeiro: R. Sacadura Cabral, 141. Pedidos pelo correio: caixa postal 945, São Paulo / Impressa nas oficinas da Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo.

As opiniões dos artigos assinados não são necessàriamente as da revista, podendo ser contrárias a estas. PLACAR não admite publicidade redacional.

Onze homens de amarelo, correndo pelo gramado verde do Estádio Jalisco, conseguiram, em 90 minutos, vingar uma dor que milhões de brasileiros carregavam há 20 anos. Contra a malícia e o juiz, o Brasil venceu de 3 a 1.

A VITÓRIA

Um jôgo nervoso, quente, de fazer a gente chorar, de gritar, de aplaudir Clodô, Jair e Rivelino, as feras que colocaram três gols na rêde do Uruguai e acabaram com uma dor de vinte anos. No começo, o Brasil estava mal: deu seu primeiro chute a gol aos 27 minutos. Em todo o jôgo, deu só 14 chutes.

TOSTÃO PASSA, CLODÔ MARCA: COMEÇAMOS A GANHAR

BRASIL	3
X	
URUGUAI	1

Estádio de Jalisco, Guadalajara.
Público: 38 000 pessoas.
Data: 17 de junho.
Juiz: José Maria Ortiz de Mendibil, da Espanha; auxiliares: Ferdinand Marschall, da Áustria, Tofik Bakhramov, da União Soviética.
Gols: Cubilla 18' e Clodoaldo 45' do 1.º tempo; Jair 30' e Rivelino 43' do 2.º.
Brasil: **Félix; Carlos Alberto, Brito, Wilson Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Gérson e Rivelino; Jairzinho, Tostão e Pelé.**
Uruguai: **Mazurkiewicz; Ubiñas, Anchetta, Matosas e Mujica; Montero Castillo, Cortés e Maneiro (Spárrago); Cubilla, Fontes e Morales.**

Eram vinte homens diferentes, vinte anos distantes de uma história que boa parte dos brasileiros só conhece pelo que contam velhos jornais. E tudo parecia tão recente. A história iria repetir-se? À mente de cada brasileiro — percebia-se a distância — parecia estar ligada uma máquina do tempo, vivendo um acontecimento que não viram. O comêço lento em demasia, o nervosismo, o excesso de cautela na defesa (só Tostão estava lá na frente, lutando contra uma barreira azul que lhe parecia o infinito), os passes cruzados, sempre telegrafados, sempre interrompidos por pernas de meias pretas, a insegurança.

A garra, a malícia, a catimba. A defesa trancada, dez homens sempre dispostos a jogar dentro de seu campo. A paciência de se ver sempre atacado sem se desesperar. A violência quando era necessária — e ela o foi muitas vêzes.

A sensação de que a história se repetiria aumentou aos 18 minutos, quando Félix falhou e Cubilla fêz Jalisco parecer o Maracanã. Um chute fraco, sem muito ângulo: Uruguai 1 a 0. Mas o autor da história ainda não lhe colocara o ponto final. O livro ainda não fôra levado de volta à estante.

A história seguia seu rumo e a partir daquele instante tudo pareceu ficar diferente: acabou o nervosismo exagerado, os passes laterais, a excessiva preocupação defensiva, o mêdo de ir à frente. O time foi ao ataque, passou a brigar, a querer parar a máquina do tempo, quebrando a fita que teimava em se repetir. Da guerra nasceu o entusiasmo, vieram novas fôrças. O pingo d'água se tornou mais forte, a pedra começava a rachar: Clodoaldo entrando pela esquerda, o passe para Tostão, a devolução perfeita, Clodoaldo arrebentando a máquina do tempo, Mazurkiewicz vencido, Brasil 1 a 1. O primeiro capítulo da história acabava diferente. Os 22 homens eram outros, o autor teria que ser outro. Seria?

O Uruguai se encarrega de abrir o segundo capítulo, mas logo Everaldo domina a bola. Tudo parece igual, com a bola quase sempre rolando entre os dois meios-campos. Só que agora o Brasil toca melhor a bola, embora ainda continue com jogadas telegrafadas no ataque.

O autor continua a procurar um final para a sua história. Insistia em não repetir um desfecho que os papéis empoeirados guardam há vinte anos. Êle ganhava as feições de Jair, de Pelé, de Tostão, de onze homens transformados em pingos d'água, tentando abrir rachas na pedra dura. Às vêzes o pingo acertava a brecha já encontrada por Clodoaldo. Às vêzes respingava longe, indo molhar o rosto de Brito, de Félix, de Everaldo.

O Brasil jogando melhor mas o Uruguai se defendendo muito bem. O juiz inventa uma falta contra o Brasil que, cobrada, dá em nada — mas era muito perigosa. Os uruguaios fazem as faltas que bem entendem, não são advertidos pelo juiz. Agora é Morales que arma uma cama-de-gato para Félix, que cai. O uruguaio nem mesmo é advertido.

Parece que o curso da história vai mudar: México, Estádio de Jalisco, 16 minutos do segundo tempo: Pelé vai como um furacão, driblando todo mundo, entra na área, é derrubado por Anchetta. Tostão corre para a marca do pênalti — o juiz espanhol aponta para as proximidades da risca da grande área.

Começamos a acreditar na história com muita razão. A pedra parece crescer, transformar-se numa montanha amedrontadora. Às vêzes os pingos parecem tornar-se mais fracos — e vem o mêdo de que a história se repita. Não que a fonte de onde jorra a água bendita possa secar: ela é pródiga. É que a rocha cada vez se torna mais violenta, ameaçadora, infringindo as regras do jôgo, da paciência, da bola que rola mais mansa para um do que para outro.

Lá vem o Brasil de nôvo, o pingo d'água persistente: Gérson para Carlos Alberto, êste para Jair, para Pelé, para Tostão, que deixa passar — mas dá aquêle toque de gênio — para Jair. Matosas fica para trás — também 50 —, Mazurkiewicz atira-se em vão e, desconsolado, vê a bola morrer no fundo de suas rêdes: Brasil 2 a 1. O pingo d'água é uma enchente que começa a engrossar.

Os uruguaios não se conformam em que a história seja reescrita, tentam tudo — até e principalmente a violência — para que o infinito seja sempre azul, sempre celeste. Mas no céu de Guadalajara brilha forte um sol amarelo. É hora da catimba. Zagalo entra em campo, vai ser expulso pelo juiz — a história tem que seguir seu curso até a última linha do capítulo derradeiro.

Faltam três minutos — e tudo é sofrimento nas arquibancadas de Jalisco. Pelé domina a bola, parte para a área, dança na frente de Ubiñas, dá para Rivelino: é gol, gol do Brasil.

O autor já não tem dúvidas de que deve respeitar a poeira que guarda uma história de vinte anos. Os homens são outros, a história não pode ser a mesma de vinte anos, são três gols contra apenas um, Tostão afinal provou que o infinito tem fim.

O autor afinal encontra um título para o nôvo livro: Os Onze Heróis de Jalisco.

...o alto, o segundo gol do Brasil, de Jair; acima, o pênalti que Pelé sofreu e que o juiz não marcou. (AP)

tiro livre

ENFIM, A VINGANÇA

Eu esperei vinte anos para escrever êste editorial e agora o faço, com a compreensão dos meus redatores. As lágrimas, os soluços e o amargor de 16 de julho de 1950, guardados comigo durante todo êste tempo, me levaram a êste apêlo aos meus rapazes da Redação. Entendo que, como Diretor de Placar, *devo ficar na retaguarda, atrás do front, guardando as grandes linhas, apontando caminhos, ajudando nas soluções. Temos, nesta revista, um time, uma equipe de jovens honestos, profissionais, entusiastas, corajosos, trabalhadores, que acreditam profundamente no Brasil. Dirigi-los é um grande orgulho. Comandá-los é uma experiência emocionante. Por isso, qualquer dêles, sem distinção, estaria capacitado a escrever a grande saudação para a grande vitória. Mas êles me concederam a honra e vou aproveitá-la com tôdas as fôrças do meu ser.*

Ganhamos! Finalmente ganhamos dos uruguaios! Finalmente estamos vingados! Neste instante, não há espaço para as meias palavras, não há tempo para a serenidade, não há oportunidade para cortesias hipócritas. Falamos aqui de futebol, não de diplomacia. Falamos aqui do time uruguaio, não do povo uruguaio. Por isso falamos do maravilhoso futebol brasileiro, por isso falamos da bravura dos nossos onze ídolos de 17 de junho. Falamos da sua hombridade. Não da hombridade de seu técnico — medroso, desorientado, imaturo. Falamos da coragem, do tirocínio e da maturidade daqueles rapazes que nos deram a grande alegria. Vamos à final. Vencendo ou perdendo, já temos o mais sonhado troféu dêste Mundial: ganhamos dos uruguaios. O 16 de julho morreu! Viva o 17 de junho!

Claudio de Souza

...te é o gol do Uruguai, de Cubilla. Neste gol come-
...va um sofrimento que depois virou alegria. (AP)

PELÉ CAÇADO, DERRUBADO

Pelé estava cercado. Havia Montero Castillo, havia Matosas, havia Maneiro e havia todo uruguaio que estivesse perto dêle querendo parar seu futebol. Mas não há quem possa parar o futebol de Pelé, não há quem saiba ser melhor do que êle. E, na nossa grande vitória sôbre o Uruguai, Pelé foi Pelé outra vez, com tôda sua fôrça de Rei.

No primeiro tempo, perseguido no campo inteiro por Montero Castillo, Pelé procurou afastar-se da área, levar seu marcador e abrir espaços para seus companheiros. Por isso, quase não estêve com a bola e demorou cinco minutos para pegá-la pela primeira vez. Quando pegou, foi derrubado por Maneiro e conseguiu a primeira falta para o Brasil, perto da área uruguaia. Durante os 45 minutos iniciais, apanhou a bola quinze vêzes, sofreu duas faltas, deu dois chutes a gol e errou sete passes. Uma dessas faltas, depois de um de seus sensacionais piques em direção ao gol, foi um pênalti não marcado pelo juiz: Pelé foi derrubado por Montero Castillo na área quando só tinha o goleiro pela frente e já ia chutar.

No segundo tempo, o grande Pelé surgiu inteiro no gramado de Jalisco. Com tôda sua magia, tôda sua inteligência e todo seu gênio de futebol.

Aí Pelé teve a bola por 25 vêzes, e nelas acabou com o time do Uruguai. Muito caçado, sofreu cinco faltas, uma delas outro pênalti não marcado pelo juiz, quando repetiu sua arrancada fulminante e foi derrubado por Matosas dentro da área. No final, driblou tôda a defesa, inclusive o goleiro, e só não marcou por alguns milímetros: a bola saiu raspando.

Quase no fim, o passe genial, o gol de Rivelino. Foi por isso que, quando Pelé saiu do campo, mais de dez pessoas brigavam pela sua camisa. É a camisa do Rei do Futebol.

No dia do jôgo entre Brasil e Uruguai, o locutor brasileiro Pedro Luís chegou à concentração dos uruguaios, bem afastada do centro de Guadalajara, e ali descobriu uma reunião secreta entre a chefia da delegação dêles e os juízes José Maria Ortiz de Mendibil, Diego di Leo e Ramón Barreto. Essa reunião foi denunciada à FIFA. Enquanto isso, os Exércitos do Brasil e do Uruguai tinham trabalho em manter a paz na fronteira dos dois países.

UM COMPLÔ CONTRA O BRASIL

A concentração dos uruguaios fica muito longe da cidade e do trânsito. Lá não passa ônibus, é um lugar tranqüilo aonde só vai quem tem carro. Ali está o melhor hotel de Guadalajara, baixo, de um só andar, com todos os apartamentos individuais de frente para as piscinas e para o bosque, onde ficam as cadeiras de descanso e o bar.

Por lá não há torcida carregando suas bandeiras, nem procurando autógrafos. O Uruguai descansa em paz. É dia de jogar contra o Brasil. Os jogadores se levantaram às 9 horas, fizeram revisão médica, almoçaram ao meio-dia. Todos falavam que Pedro Rocha iria jogar, até o próprio Rocha. Isso era parte de uma terrível guerra de nervos contra os brasileiros.

Pedro Luís, chefe de esportes da Rádio Nacional de São Paulo e que acompanha Copas do Mundo desde 1950, descobriu, na véspera do jôgo, um complô contra os brasileiros, tramado pelos uruguaios e pelo juiz Diego di Leo, responsável pela escalação de arbitragem nessa Copa.

Por isso, Pedro Luís está ali na concentração do Uruguai, investigando. Êle chega e vê, sentados em volta de uma mesa: José Maria Ortiz, o juiz de Brasil x Uruguai; o juiz uruguaio Ramón Barreto; os dirigentes da delegação do Uruguai e Diego di Leo.

Nem Diego di Leo nem Ramón Barreto deveriam estar em Guadalajara. Êles não estavam escalados para o jôgo de lá, e a sede dos juízes é no Hotel Casa Blanca, na Cidade do México.

Diego di Leo vê Pedro Luís entrando, fica sem graça e evita olhar para o brasileiro, seu conhecido.

O radialista pegou seu carro, foi até à concentração do Brasil e voltou com Antônio do Passo e o Capitão Cláudio Coutinho.

Diego di Leo, ao ver os dois dirigentes do Brasil, ficou ainda mais sem jeito e resolveu sair da mesa, para tentar despistar. Antônio do Passo alcançou-o, convidou-o para tomar um uísque mas Diego não aceitou. Geraldo José de Almeida, outro locutor que havia chegado, convidou-o para conversar e êle não quis, dizendo que precisava ir dormir.

Mas, daí a pouco, quando êle pensava que os brasileiros haviam ido embora, foi visto saindo escondido e pegando um carro.

Tarso Herédia foi encarregado pela delegação brasileira de ir ao aeroporto esperar os delegados da FIFA escalados para o jôgo e comunicar a reunião.

Agora, considere você: aquêle pênalti sôbre Pelé, que José Maria Ortiz não apitou, teria alguma relação com a reunião que Pedro Luís descobriu na concentração dos uruguaios e denunciou?

GUADALAJARA NOS ABANDONOU

No instante em que iniciaram a briga com a FIFA para não jogar com o Brasil em Guadalajara, os uruguaios começaram a ganhar a simpatia dos torcedores mexicanos, sempre prontos a reagir com o coração e a se colocar ao lado dos que parecem injustiçados.

Tal forma de reação se refletiu nos jornais de Guadalajara, que fizeram uma campanha sutil a favor dos uruguaios, afirmando que a FIFA agira arbitràriamente ao marcar o jôgo na cidade, já que o previsto era Itália e Alemanha.

A base da campanha jornalística foi a final de 50. O jornal *El Informador*, que faz questão de frisar sua independência, dedicou pràticamente suas duas páginas de esportes para reviver a final de 50, com fotos de Barbosa, Jair e Bauer. A verdade aparece nas entrelinhas das legendas. Na de Jair, o jornal afirma que êle formava com Friaça, Zizinho, Ademir e Chico um grande ataque, como o que o Brasil tem agora. E que Jair era o que Rivelino é: um homem com um canhão nos pés.

El Diario, de linha popular, deu manchete em vermelho: "Guadalajarazo?" Explica que a final de 50 ficou conhecida como "Maracanazo" e repete tôda a história daquele jôgo, frisando a garra uruguaia.

O mesmo jornal fêz questão de frisar que o Uruguai já jogou em Puebla, Toluca e Cidade do México e publica uma charge com o título "O giro do Uruguai". Nela se vê um jogador montado num cavalo ofegante e um cartaz: "Conheça o México primeiro".

O próprio governador do Estado de Jalisco, Francisco Medina Ascensio, procurou convencer Guillermo Cañedo, presidente do Comitê Organizador da Copa, a deslocar o jôgo para a Cidade do México, mas nada conseguiu. O comércio de Guadalajara mostrava-se interessado na vinda dos turistas alemães e italianos.

— Vocês viram o que passou a Inglaterra aqui. Tudo porque o povo aceitou a imagem de que os inglêses nos tinham prejudicado em 66. A partir do momento em que os uruguaios se colocaram como vítimas, os mexicanos passaram para seu lado. Além disso há outro fator importante: a briga do Uruguai com a FIFA, que, em última análise, é com Stanley Rous, inglês — foram estas as explicações do jornalista mexicano Joaquim López Doriga para justificar a mudança de atitude de seus compatriotas.

Depois da vitória, Guadalajara mudou: foi tudo carnaval. (UPI)

Mas nem todos os mexicanos torceram pelo Uruguai. Muitos dêles já haviam escolhido o Brasil como sua seleção — para vingar-se dos inglêses — e permaneceram fiéis à primeira escolha.

Quarenta e três minutos do segundo tempo: Schnellinger chuta, começa a luta de gols que emocionou o Estádio Asteca. (AP)

INACREDITÁVEL: ITÁLIA, 4 A 3

O jôgo mais louco da história da Copa do Mundo: todo o povo de pé no Estádio Asteca durante os 30 minutos da prorrogação, o placar indefinido. E a multidão esperando justiça, que afinal não veio: a vitória da Alemanha.

Os 90 minutos iniciais puseram em destaque um técnico que certamente será um dos nomes desta Copa: Helmut Schoen. De seu banco, êste alemão é capaz de mudar inteiramente a maneira de jogar de seu time, um dos melhores do mundo. Para enfrentar a Itália, êle mudou e melhorou. Pôs Schnellinger como líbero e deixou apenas Schultz e Vogts à frente dêle. Com dois beques, vigiava Boninsegna e Riva. O terceiro homem estava sempre na sobra. Com isso, a Alemanha ficou com o domínio total do campo, já que Beckenbauer, Patzke, Overath e Uwe Seeler não deixavam a bola passar para seu terreno. Na frente, a luta às vêzes brilhante do garôto Müller e de seu colega Lohers.

A Itália se comportou como sempre: Cera plantado lá atrás, os beques marcando por homem até nas laterais. E Mazzola e De Sisti tentando impulsionar com passes — menos tímidos do que no jôgo contra o México — a velocidade de Riva e Boninsegna — homens sós à procura de ao menos uma parede para trocar passes.

Nesse duelo da inteligência (Schoen) contra a cautela (Valcareggi, o técnico italiano), os 100 000 mexicanos torciam pelos alemães. E não temeram a derrota nem mesmo quando, aos 8 minutos de jôgo, Boninsegna pôs a Itália em vantagem.

Para os italianos, o escore de 1 a 0 parecia mentira, um sonho. Êles se jogavam no chão, simulavam receber sôcos, davam chutes para cima tentando escapar ao massacre da máquina alemã. Depois de todo um tempo dentro do campo italiano, os alemães conseguem empatar. Num centro da esquerda, a bola passa por Seeler, que tenta um carrinho e é tocada rente ao chão pela sola de Schnellinger: até o líbero atacava, só Schultz ficou lá atrás. Era o gol alemão, o empate; os mexicanos deliram. E Yamazaki não havia dado dois pênaltis: aos 21, em Beckenbauer; aos 25, em Seeler.

Depois, a loucura. A Alemanha desempata com um gol de Müller aos 6, mas logo Burgnich empata aos 9. Sorteio? Tudo indicava que sim, dois gols já eram demais para a prorrogação de 30 minutos. Os brasileiros na Cidade do México, que torciam pelo melhor futebol da Alemanha, estavam tontos, não torciam por mais ninguém. Aos 13, Riva desempata para a Itália. Acabou? Não. Vogts levanta da direita, Seeler cabeceia. Müller faz seu décimo gol na Copa: 3 a 3. Agora, só por sorteio. Mas a loucura final: Gianni Rivera faz o quarto gol da Itália. Beckenbauer — falta só um minuto — tenta uma arrancada, segurando o coração, sem fôlego. Acabou. Vocês acreditam? Beckenbauer também não.

ITÁLIA 4 X ALEMANHA 3

Estádio Asteca, Cidade do México.
Público: 100 000 pessoas.
Data: 17 de junho.
Juiz: Arturo Yamazaki, do México; auxiliares: Rafael Hormozabal, do Chile, e Guillermo Vélasquez, da Colômbia.
Gols: Boninsegna 8' do 1.º tempo; Schnellinger 43' do 2.º; Müller 5', Burgnich 8' e Riva 13' do 1.º tempo da prorrogação; Müller 4' e Rivera 5' do 2.º tempo da prorrogação.
Itália: Albertosi; Burgnich, Cera, Rosato e Facchetti; Bertini, De Sisti e Mazzola (Rivera); Domenghini, Boninsegna e Riva.
Alemanha: Maier; Vogts, Schultz, Schnellinger e Patzke; Beckenbauer, Uwe Seeler e Overath; Grabowski, Müller e Lohers (Libuda).

16 de julho de 1950: Danilo, o Príncipe, deixa chorando o gramado do Maracanã. Ali os uruguaios acabavam de ganhar a nossa Taça.

A DERROTA

1 X 2

RIO 50

Nos arquivos do nosso futebol, quase sempre feito só de alegrias, a página do dia 16 de julho de 1950 ainda não perdeu sua côr de tragédia. Naquele dia, o gramado do Maracanã foi banhado pelas lágrimas de onze jogadores amaldiçoados pela dor de milhões de brasileiros. Barbosa, Augusto, Juvenal, Bauer, Danilo, Bigode, Friaça, Zizinho, Ademir, Jair e Chico, ao perderem de 2 a 1 para o Uruguai na final da Copa de 50 (o Brasil só precisava do empate) começavam a sofrer as conseqüências de uma derrota cara demais para ser aceita pelo nosso povo. Tão cara e tão surpreendente que conseguiu calar 200 000 pessoas e espalhar pelo Maracanã um silêncio fúnebre, com gôsto de morte. Os 200 000 que lotavam o Maracanã pareciam feitos de pedra, insensíveis até para reagir aos pulos de alegria dos uruguaios. Nosso destino estava feito, nosso futebol estava de luto, era certamente o dia mais triste do mundo.

O Brasil, antes de começar o jôgo mais triste da história.

Em pé: Barbosa, Augusto, Juvenal, Bauer, Danilo e Bigode; agachados: Johnson (auxiliar), Friaça, Zizinho, Ademir, Jair, Chico e Mário Américo.

OS 45 JOGOS DE BRASIL E URUGUAI

Data	Local	Vencedor	Placar	Competição
12.7.16	B. Aires	Ur.	2 a 1	CSA
18.7.16	Montevi.	Br.	1 a 0	A
7.10.17	Montevi.	Ur.	4 a 0	CSA
16.10.17	Montevi.	Ur.	3 a 1	CSAE
25.5.19	Rio	—	2 a 2	CSA
29.5.19	Rio	Br.	1 a 0	CSA
18.9.20	Valparaí.	Ur.	6 a 0	CSA
23.10.21	B. Aires	Ur.	2 a 1	CSA
1.º.10.22	Rio	—	0 a 0	CSA
25.11.23	Montevi.	Ur.	2 a 1	CSA
6.9.31	Rio	Br.	2 a 0	CRB
4.12.32	Montevi.	Br.	2 a 1	CRB
19.1.37	B. Aires	Br.	3 a 2	CSA
24.3.40	Rio	Ur.	4 a 3	CRB
31.3.40	Rio	—	1 a 1	CRB
24.1.42	Montevi.	Ur.	1 a 0	CSA
14.5.44	Rio	Br.	6 a 1	A
17.5.44	S. Paulo	Br.	4 a 0	A
7.2.45	Santiago	Br.	3 a 0	CSA
5.1.46	Montevi.	—	1 a 1	CRB
9.6.46	Montevi.	Ur.	4 a 3	CRB
23.1.46	B. Aires	Br.	4 a 3	CSA
29.3.47	S. Paulo	—	0 a 0	CRB
1.º.4.47	Rio	Br.	3 a 2	CRB
4.4.48	Montevi.	—	1 a 1	CRB
11.4.48	Montevi.	Ur.	4 a 2	CRB
30.4.49	Rio	Br.	5 a 1	CSA
6.5.50	S. Paulo	Ur.	4 a 3	CRB
14.5.50	Rio	Br.	3 a 2	CRB
18.5.50	Rio	Br.	1 a 0	CRB
16.7.50	Rio	Ur.	2 a 1	CM
16.4.52	Santiago	Br.	4 a 2	CPA
15.3.53	Lima	Br.	1 a 0	CSA
10.2.56	Montevi	—	0 a 0	CSA
24.6.56	Rio	Br.	2 a 0	TA
28.3.57	Lima	Ur.	3 a 2	CSA
26.3.59	B. Aires	Br.	2 a 1	CSA
15.12.59	Guaiaquil	Ur.	3 a 0	CSA
9.7.60	Montevi.	Ur.	1 a 0	TA
7.9.65	S. Paulo	Br.	3 a 0	A
25.6.67	Montevi.	—	0 a 0	CRB
28.6.67	Montevi.	—	2 a 2	CRB
1.º.7.67	Montevi.	—	1 a 1	CRB
9.6.68	S. Paulo	Br.	2 a 0	CRB
12.6.68	Rio	Br.	4 a 0	CRB

CRB = Copa Rio Branco
CSA = Campeonato Sul-Americano
CSAE = Campeonato Sul-Americano Extra
CM = Copa do Mundo
A = Amistoso
CPA = Campeonato Pan-Americano
TA = Taça Atlântico

O Uruguai, antes de começar o jôgo do qual sairia campeão.

URUGUAI 2 X BRASIL 1

IV Copa do Mundo — Final
Maracanã — 16 de julho de 1950
Renda: Cr$ 6 272 959,00, com 173 830 pagantes.
Juiz: Georges Reader, inglês.
Gols: Friaça 4', Schiaffino 22' Ghiggia 34' do 2.º tempo.
Brasil: **Barbosa; Augusto e Juvenal; Bauer, Danilo e Bigode; Friaça, Zizinho, Ademir, Jair e Chico.**
Uruguai: **Máspoli; Matias González e Tejera; Gambetta, Obdúlio Varela e Rodríguez Andrade; Ghiggia, Júlio Pérez, Míguez, Schiaffino e Morán.**

UMA TARDE DE FESTA E TRAGÉDIA

Altivos e orgulhosos, êles pisaram o gramado do Maracanã dispostos a fazer tudo para contrariar os desejos de um público jamais calculado: houve várias invasões e a única coisa que se sabe ao certo é que mais de 200 000 torcedores espremiam-se no estádio. Os uruguaios não queriam muito, embora naquela tarde todos julgassem impossível perder de pouco para os brasileiros.

Na véspera do jôgo a concentração do Brasil, em São Januário, foi transformada em sede política e trampolim para promoção pessoal. Os jogadores passavam de braço em braço, sempre um fotógrafo pronto a mostrar ao povo que o candidato X era amigo de Ademir, de Zizinho, de Jair.

Discursos, lágrimas, risos, promessas, pedidos. A vitória era uma exigência da honra nacional. Todo o bairro de São Cristóvão tremia com o foguetório, o barulho das buzinas. Ninguém dormiu naquela noite, muito menos os jogadores. Uma revista escalou uma equipe de repórteres para acompanhar os jogadores depois da conquista da Copa.

— Onde estão os repórteres e fotógrafos? — perguntava Bigode, tempos depois. — Viramos lixo do dia para a noite. Fomos renegados, esquecidos.

Os uruguaios entraram em campo decididos a honrar "la Celeste", lutar o possível, perder com honra. Os primeiros 45 minutos foram duramente disputados. Os uruguaios trancados, os brasileiros procurando brechas, mas incapazes de achá-las. Obdúlio Varela gritava e gesticulava. As tentativas para lançar Ademir esbarravam em Matias González.

— Levei pisão no tornozelo, até beliscão — recorda Ademir.

Logo aos 4 minutos do segundo tempo o Maracanã tremeu quando Friaça marcou o primeiro gol para o Brasil. Mas Schiaffino empatou, aos 22 minutos e aos 34 Ghiggia marcava de nôvo para os uruguaios.

Ademir de Meneses recorda:

— Zizinho pediu calma e uma hora gritou com raiva: "Vou driblar êstes caras todos". Mas não deu não — deplora Ademir.

Os últimos minutos foram jogados em silêncio: torcida e jogadores brasileiros perderam a fala diante do destino: o Uruguai era campeão do mundo. Obdúlio Varela começava a se transformar em lenda:

— Hay que tener sangre, corazón y garra.

As 200 000 pessoas que entraram gritando de alegria no Maracanã, debaixo do sol daquela tarde de 16 de julho de 1950, precisavam de um motivo que justificasse a dor que suas lágrimas demonstravam na saída. Talvez por isso tivessem escolhido Bigode como culpado e hoje acusem Juvenal (ao lado). Talvez por isso o fantasma dessa derrota até hoje persiga aquêles onze homens de branco que correram pelo Maracanã atrás de uma vitória que os dirigentes já pensavam usar em seu próprio benefício.

O ETERNO DRAMA DE 11 HOMENS

O maior público que o Maracanã já teve. A maior tristeza também.

Durante muito tempo, Jair da Rosa Pinto, camisa 10 da Seleção Brasileira de 1950, ficou sem pronunciar as palavras "Copa do Mundo". Êle não queria tocar nessa ferida, e criticava os companheiros que, anos depois, tentavam explicar o desastre de 16 de julho: — Nós todos fomos culpados e não devíamos mais falar nisso. Por mim o assunto já estaria sepultado.

Havia muitos culpados ou um só?

— Perdemos o jôgo na bêsta do Juvenal. Êle tinha que me cobrir e ficou parado, fazendo não sei o quê. (. . .) Mas o pior me aconteceu depois. Eu almoçava com amigos num restaurante da Rua Senador Dantas. Na mesa vizinha, um grupo falava sôbre futebol. Uma môça, que não entendia do assunto nem me identificara, em determinado momento largou esta: "É, o tal do Bigode pôs tudo a perder". O bife virou pedra. Não consegui mais comer. Hoje não ligo mais para futebol. Esqueci o passado. (Bigode, camisa 6 da Seleção de 1950, hoje técnico em eletrônica.)

O que faltou para o Brasil vencer?

— Se eu soubesse que aquela decisão dependeria de um estimulante tomaria todo o estoque que estivesse ao meu alcance. Nas vésperas do jôgo com o Uruguai eu tinha uma fortuna nas mãos. Seria nome de bola, marca de chocolate e cigarros, o diabo. Quando a partida acabou, eu era um homem morto. Não me lembro de muita coisa, mas sei muito bem que quando Zizinho cabeceou na trave uma bola cruzada (já perdíamos de 2 a 1) nosso destino estava selado. Dei as costas e caminhei para o meio de campo. (Ademir, camisa 9 da Seleção, artilheiro da Copa.)

O culpado foi Flávio Costa, que não queria jôgo violento?

— Ninguém me mandou jogar mansinho. E eu não fiz isso. O gol de Ghiggia é que criou essa falsa imagem. (Bigode.)

Como é que pôde acontecer aquilo com vocês?

— A gente não queria e nem podia acreditar no que estava vendo. (Chico, camisa 11 da Seleção.)

Êles não mereciam a derrota.

— Eu trocaria tôdas as conquistas e prêmios de minha carreira pela glória de campeão do mundo. (Barbosa, camisa 1 da Seleção.)

Quatro minutos, 2.º tempo: Friaça faz 1 a 0. Uma falsa imagem.

Ghiggia chuta, Barbosa cai, Bigode leva a mão à cabeça — estava tudo acabado para o Brasil.

Se o jôgo terminasse no empate, o Brasil seria campeão. Quando Jules Rimet deixou a tribuna para entregar a Taça, pensou que ela era nossa. Mas enquanto êle descia, o Uruguai fêz o gol da vitória. Rimet não fêz discurso, ficou confuso e Obdúlio Varela gritou para seu companheiro Ghiggia: "Vamos embora, que com taça ou sem taça somos campeões do mundo". Foi fácil ouvir os gritos de Varela, porque o Maracanã inteiro estava no silêncio de nossa maior derrota.

Rimet entrega a Taça a êles.

Ghiggia, o que fêz o segundo gol.

Rodríguez, o Negro Maravilhoso.

Míguez comandava o ataque.

OS 11 QUE NOS ARRASARAM

Roque Gastón Máspoli foi um dos campeões mundiais de 50 que mais tempo continuou no futebol. Foi também campeão mundial de clubes pelo Peñarol, em 61. E em 66 ganhou de nôvo, já como técnico. Hoje vive ainda de futebol, treinando times na Espanha.

Schubert Gambetta é um dos poucos uruguaios de 50 que estão bem de vida, morando num bairro elegante de Montevidéu, numa casa perto da praia. Afastou-se do futebol e da turma, já que êles mesmos se dividem em pobres e ricos.

Matias González trabalha como funcionário público, no Congresso Nacional, onde ganha bom salário sem muito trabalho.

Rodríguez Andradè, o "Negro Maravilhoso", como o chamavam em seu tempo, é dos que estão em pior situação. Mora num subúrbio de Montevidéu, sustenta irmãs e sobrinhas com a pequena pensão de aposentado.

Obdúlio Jacinto Varela ganha bem, mora em casa própria, de dois andares, apesar de não ser num bom bairro. É funcionário do Casino, trabalha na administração.

Eusébio Tejera, funcionário público como a maioria, leva também uma vida modesta e abandonou logo o futebol.

Edgardo Alcides Ghiggia, logo depois da Copa de 50, foi para a Itália, ganhou e gastou fortunas com mulheres e vinho. Jogou até 68, no Danúbio e depois em times de divisões inferiores. Hoje vive pràticamente do que ganha sua mulher, com um salão de cabeleireiro.

Júlio Pérez casou-se com mulher rica e mora em Córdoba, Argentina. Cuida dos negócios da família (imóveis e gado).

Omar Oscar Míguez, careca, de camisa o dia todo, é o protótipo do barnabé. Nega mesmo que tenha sido grande jogador. Leva uma vida mansa, trabalhando das 3 às 7 e à espera da aposentadoria.

Juan Carlos Schiaffino tem o nome nas letras garrafais do seu escritório de representações comerciais. Foi artilheiro na Itália muitos anos, ficou rico e hoje é muito esnobe.

Rubem Morán não era o titular, mas foi quem jogou na final com o Brasil. Hoje, é mais um acomodado funcionário público, morador de subúrbio. Jogou até 65, porque, como a maioria, era muito jovem em 50. Êsse, aliás, foi o motivo de tôda a influência de Obdúlio na Celeste de 50. Só êle tinha experiência.

1 X 2
RIO 50

JUAN, O CAMPEÃO

Sempre o primeiro a chegar, sempre o último a sair. Era o último treino dos uruguaios antes do jôgo decisivo contra o Brasil. De macacão azul, o escudo da Federação costurado ao peito, Juan López desceu antes do ônibus, entrou antes nos vestiários, pisou antes o gramado. Foi assim em 1950, foi assim também em 1970.

Com uma diferença: hoje, Juan López já não é o treinador principal da Seleção Uruguaia. Envelhecido (está com 59 anos) e desgastado bruscamente pela morte da única filha, êle só aceitou viajar para o México por amizade a Juan Hohberg, seu antigo jogador, hoje técnico da Seleção:

— Hohberg merece. Foi um excelente jogador e sabe aplicar tudo o que aprendeu, com inteligência e discernimento.

Alto, ainda forte, com o corpo bem queimado pelo sol, os cabelos curtos quase completamente brancos, Juan López é o treinador predileto dos três goleiros que o Uruguai levou para o México — Mazurkiewicz, Kvarbo e Santos.

Da marca de pênalti, êle lança uma seqüência rápida de bolas nos cantos do gol para os saltos bonitos do ágil Mazurkiewicz; da entrada da pequena área, levanta com as mãos as bolas para as rebatidas dos três; da linha da grande área, atira de trivela as bolas altas para a saída de Santos.

Algum dêsses goleiros seria tão bom quanto Máspoli?

— Não sei comparar jogadores de épocas diferentes. Mas não tenho dúvidas: como conjunto e até mesmo como valôres individuais, a Seleção de 50 era superior, por uma questão de ascendência, de hierarquia. Obdúlio Varela, por exemplo, impunha respeito aos companheiros e aos adversários. Míguez era outro líder. Máspoli era impecável na orientação à defesa, até sem o reflexo e a agilidade de Chiquito (Mazurkiewicz).

O que mais impressiona é a ascendência de López sôbre os jogadores uruguaios — e até mesmo sôbre o próprio Hohberg. Quando o velho treinador chamou Mazurkiewicz para um treinamento separado, "Chiquito" imediatamente o seguiu. López começou a lançar-lhe bolas altas, bem de perto, e o goleiro reclamou:

— Abajo, solamente abajo.

López arremessou-lhe uma bola rasteira, indefensável, virou as costas e foi-se embora, caminhando rumo aos outros goleiros. Mazurkiewicz baixou a cabeça, acompanhou-o e pediu para treinar de nôvo, com os outros goleiros.

— Êles me respeitam porque sabem que eu não fumo, não bebo nem jogo. Sabem que não sou como certos dirigentes, que os convidam para festas, procurando uma intimidade forçada. Sabem que sou um amigo sincero, um orientador justo. Em 50 também havia jogadores temperamentais — Obdúlio, Gambetta, Ghiggia — mas comigo todos se comportaram impecàvelmente.

A bola cai atrás do gol onde está Mazurkiewicz e Juan López vai atrás dela, como um menino. Vê um grupo de garotos mexicanos aplaudindo-o, sorri e aperta as mãos dos que estão mais perto.

— Eu adoro crianças, mesmo que elas torçam pelo Brasil.

O treino dos uruguaios acabou. Lá fora, o ônibus buzina, chamando Juan López, o último a sair. Como em 50, como sempre

López, o do meio, e sua Taça.

Em Montevidéu, o povo foi às ruas comemorar sua vitória.

200 000 pessoas, reunidas no Maracanã, não acreditavam: os uruguaios davam a volta olímpica.

FLÁVIO, O DERROTADO

Vinte anos depois, Flávio Costa, nosso técnico em 50, conta como o Brasil perdeu e como o clubismo foi mais forte que a vontade de vencer a Copa do Mundo. Treinador do Vasco, êle foi obrigado a convocar até quem não queria. Bastava que fôsse do Vasco.

Este é um dos mais importantes depoimentos sôbre a Copa do Mundo de 50. Quem fala é o técnico vice-campeão, Flávio Costa:

— A derrota para o Uruguai foi um acidente. Êles tinham bom time, mas éramos melhores. O destino nos arrasou, castigando-nos imerecidamente. A maior parte dos que discutem êste assunto não conhecem a importância enorme que tiveram os fatos que cercaram a Copa de 50. Jogador de futebol não saía do Brasil nem era conhecido lá fora. Ignorava o que acontecia no mundo. E começamos a disputar os "sul-americanos". Começamos a ganhar maturidade, experiência. Em 30 tivemos uma equipe mal formada. O mesmo aconteceu em 34 mas em 38 formamos duas grandes seleções. Depois paramos, e chegamos a 50. Foi tudo aquilo que todos sabem. Em 54, na Suíça, tínhamos uma ótima equipe, mas a Hungria era melhor. Em 58 e 62 fomos campeões, em 66 tudo foi por água abaixo. Em 50 tive problemas para formar a Seleção. O clubismo atrapalhou bastante. Eu era treinador do Vasco, uma espécie de Santos daquele tempo. Tive que convocar a maioria dos jogadores do meu clube. As críticas prejudicaram o ambiente que começava a se formar. Tínhamos jogadores fracos, mas jogadores como Bauer, Danilo, Zizinho, Jair e Ademir conduziam o jôgo e tudo ficava perfeito, sem erros.

Para Flávio Costa, os demais jogadores cumpriam a missão com acêrto. Flávio prefere não falar sôbre êles. Nem mesmo de Bigode, ou Barbosa. Êle sabe que os próprios companheiros os acusaram.

— São cicatrizes que não devem ser reabertas agora. Todos procuraram cumprir bem a missão, mas alguns estavam envolvidos por fatos extra-campo e não tinham condições emocionais para fugir ao clima que se criou em tôrno da final. Não tínhamos preparo psicológico capaz de anular as influências de fora. Uma coisa foi decisiva. O "já ganhou" da torcida, da imprensa, dos dirigentes. Isso foi decisivo.

Flávio escuta mais uma vez a história de sua briga com Juvenal, que tinha aproveitado uma folga dos casados e voltou à concentração embriagado. Flávio criticou-o violentamente.

O assunto parecia encerrado quando Flávio percebeu que Juvenal estava de malas prontas, tentando abandonar a concentração. A Seleção não tinha outro zagueiro, Nena estava machucade Flávio impediu Juvenal de ir embora.

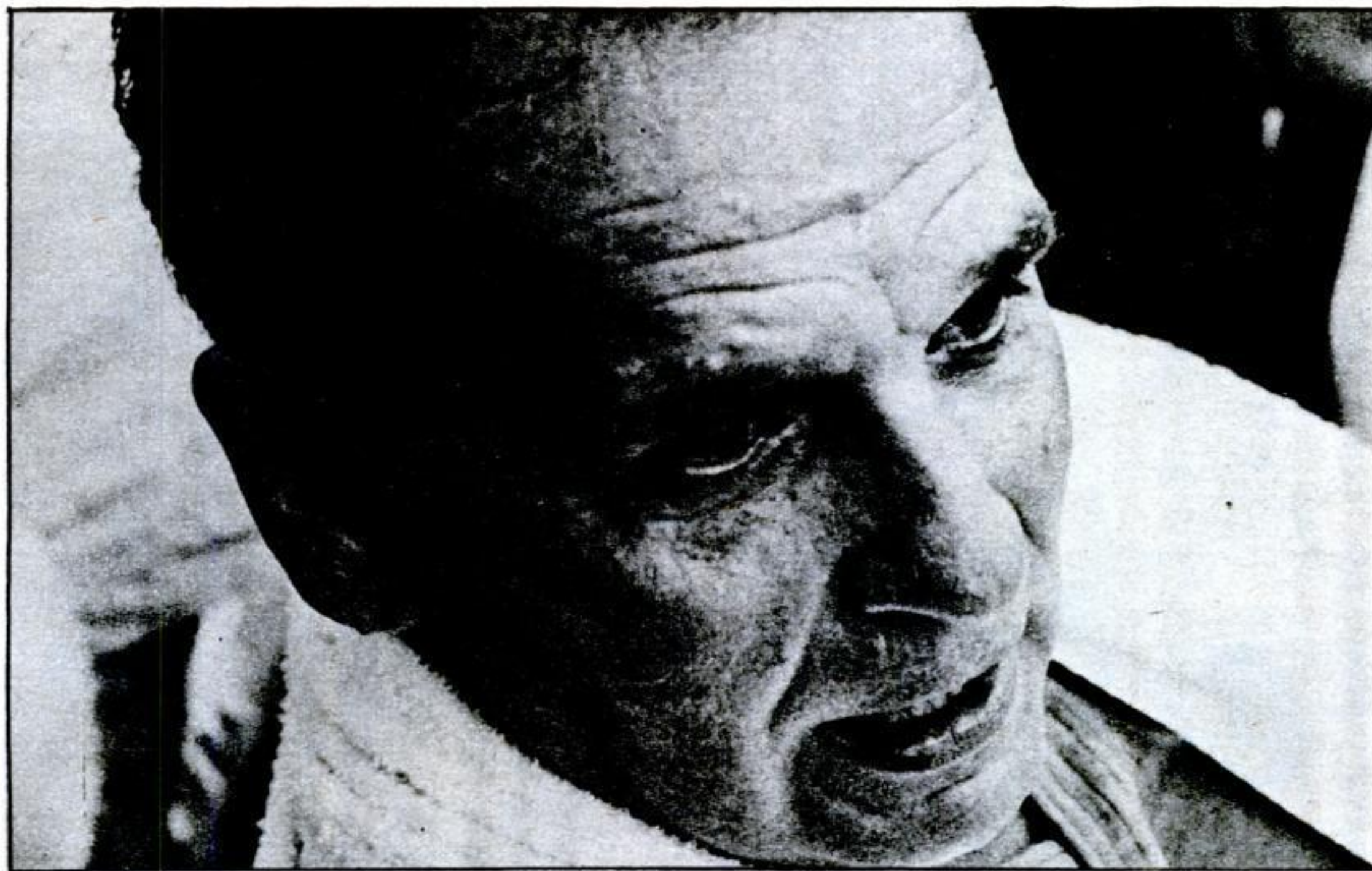
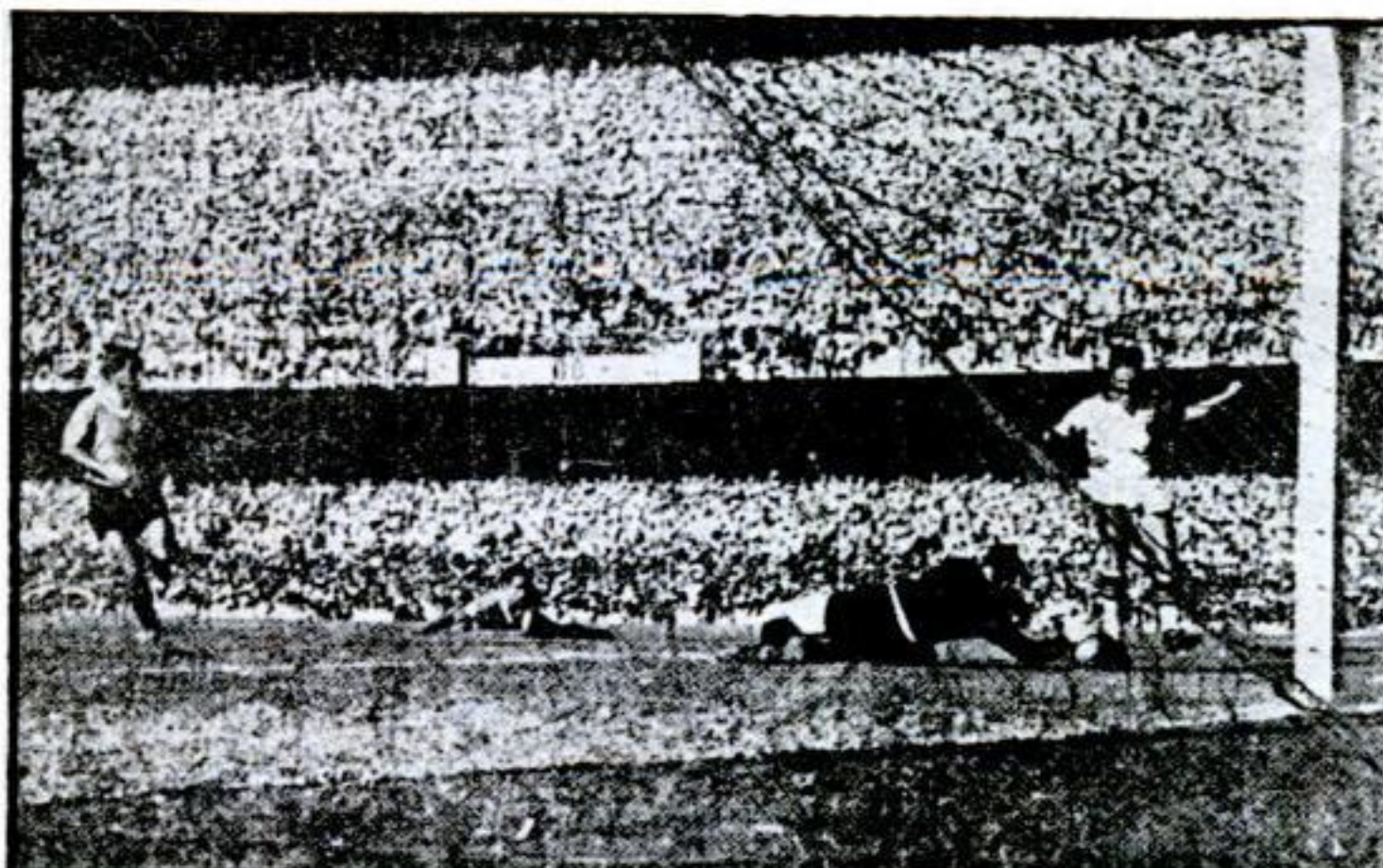
E Flávio agrediu Juvenal.

Hoje, Flávio não quer falar nem lembrar disso. Nem mesmo sôbre suas declarações na época:

— Êle foi exemplado, da forma que um pai faz com um filho que erra.

Hoje, Flávio prefere falar de outros aspectos.

— Aquela Seleção deixou marcas e recordações. Em todo o mundo se falou do maravilhoso futebol brasileiro, coisa nunca vista. O prestígio internacional cresceu, os mercados do exterior se abriram e apareceu a malícia que nos fazia falta. Isso nos deu 58 e 62.

— Pena que não tenhamos aproveitado o impulso para 66. Hoje, mais do que nunca, uma velha frase minha tem valor: o futebol brasileiro só evoluiu da bôca do túnel para dentro do campo.

Flávio Costa (acima) fêz algumas mudanças para o jôgo da decisão, mas os próprios jogadores tiram dêle qualquer responsabilidade da derrota. O ataque que êle pôs em campo procurou o caminho do gol até o fim, mas até o fim encontrou à sua frente um goleiro chamado Máspoli, que tirou dos pés de nossos jogadores (ao lado) a Taça que todo o nosso povo já tinha como sua.

A DOR DE ZIZINHO

Se houve culpados de nossa derrota para o Uruguai, na decisão de 1950, foram os dirigentes. Trocaram de concentração quando não deviam, nos tiraram do Hotel das Paineiras para fazerem um verdadeiro comitê político em São Januário. Chegaram a nos tirar da mesa de almôço para ouvirmos discursos políticos. Quem escolheu o Bigode e o Barbosa para bodes expiatórios escolheu errado. Os culpados são êles, os dirigentes. Agora também, em 70, estavam escolhendo um bode expiatório, mas já entraram pelo cano, porque o crioulo Pelé está engolindo a bola e calando a bôca de todo o mundo.

Aquela Seleção, hoje, chegaria também à final, porque ela era tão boa quanto esta. Mas não quero fazer comparações, porque eu fazia parte dela. Se fôsse formar uma seleção com a de 50 e a de hoje não deixaria de fora quatro craques: Danilo, Bauer, Barbosa e Ademir. Mas naquele time Pelé jogaria no lugar de qualquer um, porque êle entra em qualquer seleção do mundo.

Hoje, não se repetiria aquilo que aconteceu no vestiário do Brasil, depois de perdermos a final de 50: os jogadores todos chorando. Olhei para o Danilo e vi que se sentia como eu. Estávamos perdidos no espaço, sem a mínima noção de onde estávamos. Mas havia dirigentes sorrindo e comentando que a renda havia sido ótima. Nós, jogadores, passamos uma semana em casa, sem dormir, sem falar com ninguém, um inferno. Não vou falar mais, senão acabo chorando.

O Brasil já tinha faixas de campeão, os jornais tinham prontas as suas manchetes, havia chaveirinhos e o diabo-a-quatro sôbre o Brasil campeão. Se a palhaçada tôda fôsse fora da concentração, não aconteceria nada. Mas o pior foi que o carnaval todo entrou para a concentração. Era um tal de discursos e promessas que ninguém agüentava mais. Eu gostava de fazer balão de São João, com o Nílton Santos e o Danilo, mas na véspera da decisão não foi possível: não havia espaço para esticar o papel no chão. Até hoje o Castilho diz que perdemos porque não fizemos o balão.

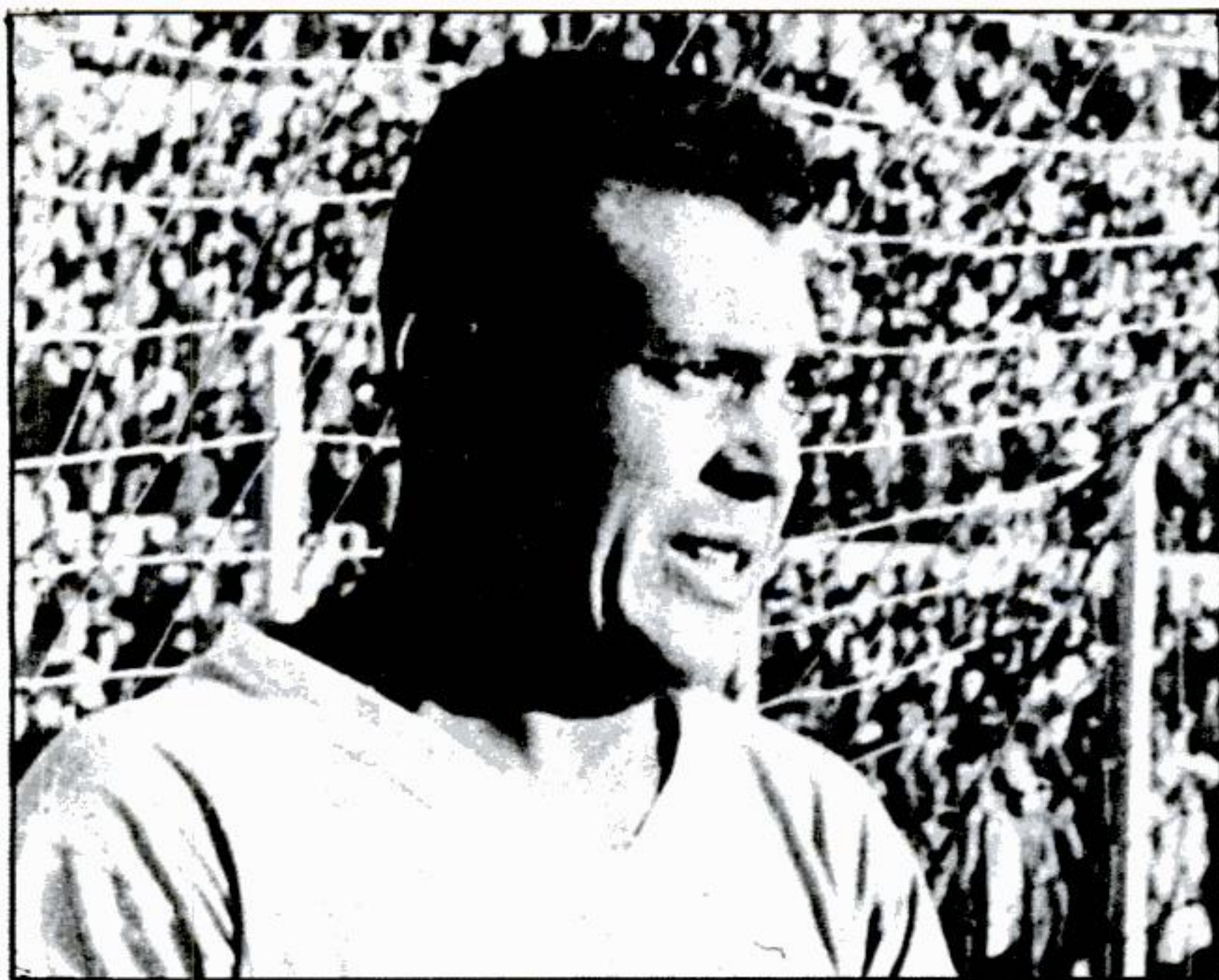
Depois da Copa, fizeram do Obdúlio Varela um herói. Mas não acho. Êle fêz foi muita catimba, deu um tapa no Bigode, fêz tudo o que se possa imaginar.

As poucas vêzes que êles conseguiram nos vencer foram à base de catimba. Não vêem o que êles fizeram agora, no México, dizendo que não iam a Guadalajara para jogar com o Brasil? Era só para nos enervar. Êles são sempre assim.

De tôdas as promessas de nossos dirigentes, eu fiquei com 15 contos e uma medalha que já enferrujou. Nada mais.

Zizinho (à direita) fala, no México, de todo o sofrimento dos jogadores, ao verem a alegria dos dirigentes, mesmo depois da derrota. À esquerda, o desespêro: o Brasil perdendo, Ademir machucado, Jair sendo consolado. Acima, o maior desespêro: mais um de nossos ataques caindo nas mãos de Máspoli, o goleiro da Celeste que segurou os nossos grandes ídolos de 50.

Quando Obdúlio Varela cumprimentou Augusto, capitão do Brasil (abaixo), 200 000 pessoas sorriam no Maracanã, felizes, porque apenas 90 minutos as separavam do título mundial. Mas quando Obdúlio começou a passear sua garra pelo Maracanã, as 200 000 choraram. E êle levou o título.

OBDÚLIO VARELA, O TERRÍVEL EL NEGRO

Nos países de língua espanhola, todo mundo é conhecido pelo seu nome de família. Ninguém jamais chamou de Emiliano a Emiliano Zapata, ou de Simón a Simón Bolívar. Em casa, as mulheres costumam chamar o marido pelo sobrenome; nos campos de futebol, é também pelo sobrenome que os locutores, a imprensa e a torcida se referem aos jogadores. Mas em tôda a América Latina certamente só há um homem que, à mera menção de seu nome de batismo, fazia tremerem quase 3 milhões de uruguaios e muitos milhões de brasileiros: Obdúlio.

Mulato alto e forte, magoado com sua côr, a ponto de perder a cabeça quando alguém ousava chamá-lo *El Negro*. Obdúlio Jacinto Varela é hoje um burocrata, um chefe de família cujos maiores deveres são a escola da filha, o trabalho e os consertos que faz na casa para a mulher.

Nascido pobre, mas com um destino grande, Obdúlio era, nas peladas, um beque metido a fazer gols. Como todo menino pobre que jogava bola, só tinha um sonho na vida: jogar no Peñarol — e foi jogar. Não era muito técnico, mas sua aplicação era grande e fêz dêle um titular. Como jogador, logo mostrou a todos o tipo de pessoa que queria ser: gostava de ser reconhecido nas ruas, queria ganhar tôdas as partidas, para que o moleque Obdúlio ficasse conhecido como o grande Varela. Capitão do Peñarol desde 46, liderou a famosa greve dos jogadores em 48, quando o futebol de lá ficou parado oito meses. Na rua, ninguém conhecia o Varela, mas todos diziam:

— Êste é o Obdúlio.

Ganhou a Copa de 50 sòzinho, muita gente diz. Êle não diz, mas aparentemente também acha.

Foi depois dessa Copa que começaram a surgir seus apelidos, e o mais famoso de todos êles foi *El Caudillo*, que para muitos quer dizer um líder natural, um valente, um predestinado.

E Obdúlio não gostava dos apelidos, não gostava principalmente de ser chamado de *El Negro*. Obdúlio não gostava de nada, nem de ouvir falar no Maracanã, onde voltou depois e perdeu. Mas durante oito anos, sempre que a Seleção Brasileira jogava contra a uruguaia, mesmo vencendo, os uruguaios ficavam em campo fazendo com os dedos o sinal de 2 a 1. A torcida do Brasil dizia, quieta:

— Obdúlio.

Vinte anos depois, em Montevidéu, êle não é procurado por ninguém, poucas pessoas se dirigem a êle.

A impressão que se tem é de que Obdúlio Varela não existe. Parece ser difícil para as pessoas acreditarem que êle seja um personagem real de carne e osso. Que tenha sido apenas um jogador mais ou menos, um líder nato, um homem duro, grosseiro, sem meias palavras.

Quem o procura hoje em Montevidéu são os rapazes de 1950, hoje com quarenta anos.

Os vizinhos tentam esquecer que moram ao lado de um dos maiores mitos da história do futebol e procuram a Senhora Varela — alta e loura —, como se não soubessem quem é aquêle homem de calção prêto, sem camisa e de mãos grandes que, diz a lenda, ganhou uma Copa, com uma bofetada, dois minutos de *cêra*, meia dúzia de gritos e muita garra.

Brasil, a invencível fera